

JKRA

M.E.D.

R

DU
BOIS

RECONSTRUÇÃO

NEGRA

M.E.B.

CONSTRUÇÃO

DU
BOIS

RECONSTRUÇÃO

RECONSTR

NEGRA

NEGRA

BOIS

W.E.B.

BOIS

W.E.B.

ECONSTRUÇÃO

RECONSTRUÇÃO

NEGRA

BOIS

NEGRA

RECONS

NEGRA

BOIS

W.E.B.

W.E.B.

SLAVES AND FREE NEGROES.

RECONSTRUÇÃO NEGRA

W. E. B. DU BOIS

ensaio para uma história do papel
desempenhado pelo povo negro
na tentativa de reconstruir
a democracia na América,
1860-1880

TRADUÇÃO
MURILLO VAN DER LAAN

APRESENTAÇÃO E REVISÃO DA TRADUÇÃO
MATHEUS GATO E SÁVIO CAVALCANTE

Sumário

Prólogo à edição brasileira	7
Apresentação à edição brasileira	9
Ao leitor	31
1. O trabalhador negro	33
2. O trabalhador branco	49
3. O latifundiário	67
4. A Greve Geral	93
5. A vinda do Senhor	125
6. Olhando para trás	171
7. Olhando para frente	229
8. A transubstanciação de um branco pobre	285
9. O preço do desastre	373
10. O proletariado negro na Carolina do Sul	431
11. O proletariado negro no Mississippi e na Louisiana	483
12. O proletariado branco no Alabama, na Geórgia e na Flórida	539
13. O duelo pelo controle do trabalho na fronteira e na divisa	579
14. A contrarrevolução da propriedade	633
15. A fundação da escola pública	689
16. Retrocesso em direção à escravidão	723
17. A propaganda da história	765
Bibliografia	785
Glossário de nomes	797
Sobre o autor	811

A black and white photograph of W. E. B. Du Bois. He is an older man with a balding head, a white beard, and glasses. He is wearing a dark, textured suit jacket over a light-colored shirt and a patterned tie. He is seated at a desk, looking down at a document he is holding with both hands. On the desk in front of him are several other papers, some of which appear to be lists or tables. To his right, a microscope is visible on the desk. The background is filled with bookshelves containing many books, suggesting a library or study. The lighting is somewhat dim, and the overall tone is serious and scholarly.

**W. E. B. Du Bois em sua
mesa de trabalho em 1935.**

Reprodução cortesia de W. E. B.
Du Bois Papers, Robert S. Cox
Special Collections and University
Archives Research Center, UMass
Amherst Libraries.

17. A propaganda da história

Como os fatos da história americana foram falsificados no último meio século porque a nação estava envergonhada. O Sul estava envergonhado porque lutou para perpetuar a escravidão humana. O Norte estava envergonhado porque teve de convocar os negros para salvar a União, abolir a escravidão e estabelecer a democracia.

O que as crianças americanas hoje aprendem sobre a Reconstrução? Helen Boardman fez um estudo dos atuais livros didáticos e observou estas três teses dominantes:

1. Todos os negros eram ignorantes.

Todos eram ignorantes em relação aos assuntos públicos¹.

Embora os negros agora fossem livres, eles também eram ignorantes e incapazes de governar a si mesmos².

Os negros assumiram o controle daqueles estados. Eles haviam sido escravos a vida toda e eram tão ignorantes que não conheciam nem mesmo as letras do alfabeto. No entanto, agora se sentavam nas legislaturas estaduais e faziam as leis³.

No Sul, os negros que haviam conquistado sua liberdade tão repentinamente não sabiam o que fazer com ela⁴.

¹ James Albert Woodburn e Thomas Francis Moran, *Elementary American History and Government* (Nova York, Longmans, Green & Co., 1928), p. 397.

² Everett Barnes, *American History for Grammar Grades* (Boston, Heath & Co, 1913), p. 334.

³ David Henry Montgomery, *The Leading Facts of American History* (Boston, Ginn & Co., 1897), p. 332.

⁴ Hubert Cornish e Thomas Hughes, *History of the United States for Schools* (Nova York, Hinds, Hayden & Elredge, 1929), p. 345.

RECONSTRUÇÃO NEGRA

Nas legislaturas, os negros eram tão ignorantes que só podiam observar seus líderes brancos, os *carpetbaggers*, e votar a favor ou contra, conforme lhes fosse dito⁵.

Algumas legislaturas eram compostas de alguns homens brancos desonestos e vários negros, muitos deles ignorantes demais para saber qualquer coisa sobre a elaboração de leis⁶.

2. *Todos os negros eram preguiçosos, desonestos e extravagantes.*

Aqueles homens não apenas não sabiam nada sobre o governo, mas também não se importavam com nada, exceto com o que podiam ganhar para si mesmos⁷.

As legislaturas muitas vezes ficavam à mercê de negros, infantilmente ignorantes, que vendiam seus votos abertamente e cuja “lealdade” era conquistada ao permitir que comessem, bebessem e se vestissem às custas do Estado⁸.

Alguns negros gastavam seu dinheiro de forma tola e ficavam em uma situação pior do que a anterior⁹.

Esse auxílio levou muitos homens libertos a acreditar que não precisavam mais trabalhar. Eles também acreditavam, ignorantemente, que as terras de seus antigos senhores seriam entregues a eles pelo Congresso e que cada negro teria direito a “quarenta acres e uma mula”¹⁰.

Pensando que a escravidão significava trabalho árduo e que a liberdade significava puro ócio, o escravo, depois de ser libertado, estava propenso a experimentar sua liberdade recusando-se a trabalhar¹¹.

Eles começaram a vagar, roubando e saqueando. Em uma semana, em uma cidade da Geórgia, 150 negros foram presos por roubo¹².

3. *Os negros foram responsáveis por um governo ruim durante a Reconstrução.*

Leis tolas foram aprovadas pelos legisladores negros, houve um terrível desperdício de dinheiro público e milhares de dólares foram simplesmente roubados. Os sulistas que se prezavam ficaram ultrajados com o horrendo regime¹³.

⁵ Samuel Eagle Forman, *Advanced American History* (ed. rev., Nova York, The Century Co., 1924), p. 452.

⁶ Hubert Cornish e Thomas Hughes, *History of the United States for Schools*, cit., p. 349.

⁷ Helen F. Giles, *How the United States Became a World Power* (Nova York, Merril, 1930), p. 7.

⁸ William J. Long, *America: A History of Our Country* (Boston, Ginn & Co., 1923), p. 392.

⁹ Carl Russell Fish, *History of America* (Nova York, American Book Company, 1925), p. 385.

¹⁰ Wilbur F. Gordy, *History of the United States*, parte II (Nova York, C. Scribner's Sons, 1899), p. 336.

¹¹ Samuel Eagle Forman, *Advanced American History*, cit.

¹² Helen F. Giles, *How the United States Became a World Power*, cit., p. 6.

¹³ Emerson David Fite, *History of the United States* (Nova York, Henry Holt & Co., 1916), p. 37.

Nos estados exauridos, já amplamente “punidos” pela desolação da guerra, o governo do negro e de seus inescrupulosos patronos *carpetbaggers* e *scalawags* foi uma orgia de extravagância, fraude e incompetência repugnante¹⁴.

A imagem da Reconstrução que o aluno médio desses dezesseis estados recebe é limitada ao Sul. O Sul considerou necessário introduzir códigos negros para o controle dos libertos, que eram indolentes e por vezes virulentos. O Bureau dos Libertos fez com que os negros buscassem apoio no Norte em vez de no Sul e, ao dar a eles uma falsa sensação de igualdade, causou mais danos do que benefícios. Com os *scalawags*, os negros ignorantes e sem propriedades, sob a liderança dos *carpetbaggers*, envolveram-se em uma orgia desvairada de gastos nas legislaturas. A humilhação e a angústia dos brancos do Sul foram em parte aliviadas pela Ku Klux Klan, uma organização secreta que assustava os negros supersticiosos¹⁵.

Com base em tais lições do ensino primário e ginásial, um jovem americano frequentando a faculdade hoje aprenderia com os atuais manuais de história que a Constituição reconheceu a escravidão; que a chance de se livrar da escravidão por métodos pacíficos foi arruinada pelos próprios abolicionistas; que, após o período de Andrew Jackson, as duas seções dos Estados Unidos “se tornaram plenamente conscientes de seus interesses conflitantes. Duas formas irreconciliáveis de civilização [...] no Norte, a democrática [...] no Sul, uma civilização mais estacionária e aristocrática”. Ele leria que Harriet Beecher Stowe provocou a Guerra Civil; que o ataque a Charles Sumner se deveu à sua “invectiva grosseira” contra um senador da Carolina do Sul; e que os negros foram o único povo a conseguir a emancipação sem nenhum esforço de sua parte. Que a Reconstrução foi uma tentativa vergonhosa de submeter os brancos ao domínio ignorante dos negros; e que, de acordo com um professor de história de Harvard, “as despesas legislativas eram grotescamente extravagantes; os membros de cor em alguns estados se envolviam em uma saturnália de gastos corruptos”¹⁶.

Em outras palavras, é bem provável que ele conclua sua formação sem ter qualquer ideia do papel que a raça negra desempenhou na América; do tremendo problema moral da Abolição; da causa e do significado da Guerra Civil e da relação que a Reconstrução teve com o governo democrático e com o atual movimento dos trabalhadores.

Aqui reside algo além da mera omissão e diferença de ênfase. O tratamento dado ao período da Reconstrução não dá muito crédito aos historiadores americanos como cientistas. Temos, com bastante frequência, uma tentativa

¹⁴ David Saville Muzzey, *History of the American People* (Boston, Ginn & Co., 1927), p. 408.

¹⁵ Lawrence D. Reddick, “Racial Attitudes in American History Textbooks”, *The Journal of Negro History*, v. 19, n. 3, jul. 1934, p. 257.

¹⁶ Frederick Jackson Turner, “United States of America – Reconstruction Governments”, em *The Encyclopaedia Britannica*, v. 22 (14. ed., Nova York, Eycyclopaedia Britannica, Inc., 1929), p. 815. Grifos nossos.

deliberada de mudar os fatos da história de modo que a narrativa seja uma leitura agradável para os americanos. Os editores da 14ª edição da *Encyclopaedia Britannica* me pediram um artigo sobre a história do negro americano. Do meu manuscrito, eles cortaram todas as minhas referências à Reconstrução. Insisti em incluir a seguinte declaração:

Os historiadores brancos atribuíram as falhas e os fracassos da Reconstrução à ignorância e à corrupção dos negros. Mas o negro insiste que foram a lealdade e o voto negros que restauraram o Sul à União, estabeleceram a nova democracia, tanto para brancos quanto para negros, e instituíram as escolas públicas.

O editor se recusou a publicar essa informação, embora tenha dito, a respeito do meu artigo: “ele é, na minha opinião, e na opinião de outras pessoas do escritório, excelente e com o qual me parece que todos podemos ficar satisfeitos”. Não fiquei satisfeito e me recusei a permitir que o artigo fosse publicado.

A guerra e, principalmente, os conflitos civis deixam feridas terríveis. É dever da humanidade curá-las. Portanto, logo se considerou que não era sábio nem patriótico falar de todas as causas de conflitos e dos terríveis resultados a que as diferenças seccionais nos Estados Unidos haviam levado. E assim, em primeiro lugar, minimizamos a controvérsia sobre a escravidão, que convulsionou a nação desde o Compromisso do Missouri até a Guerra Civil. Além disso, passamos pela Reconstrução com uma frase de pesar ou desgosto.

Mas essas razões de cortesia e filantropia são suficientes para negar a verdade? Para que a história seja científica, para que o registro das ações humanas seja feito com a precisão e a fidelidade de detalhes que permitirão seu uso como medida e guia para o futuro das nações, é preciso estabelecer alguns padrões de ética na pesquisa e na interpretação.

Se, por outro lado, vamos usar a história para nosso prazer e distração, para inflar nosso ego nacional e nos dar uma falsa, mas prazerosa, sensação de realização, então devemos abandonar a ideia de história como ciência, ou como arte usando os resultados da ciência, e admitir francamente que estamos usando uma versão do fato histórico para influenciar e educar a nova geração da maneira que desejamos.

É esse tipo de propaganda que levou homens no passado a insistir que a história é uma “mentira consensual” e a apontar o perigo dessa desinformação. De fato, é extremamente duvidoso que algum benefício permanente venha ao mundo por meio de tal ação. As nações vacilam e tropeçam em seu caminho; cometem erros hediondos; enganam-se terrivelmente; fazem coisas grandes e belas. E não deveríamos orientar melhor a humanidade dizendo a verdade sobre tudo isso, na medida em que a verdade possa ser verificada?

Aqui nos Estados Unidos temos um exemplo claro. Foi moralmente errado e economicamente retrógrado construir a escravidão humana nos Estados

Unidos no século XVIII. Sabemos disso agora, perfeitamente bem; e havia muitos americanos do Norte e do Sul que o sabiam e o diziam já no século XVIII. Hoje, diante da nova escravidão estabelecida em outras partes do mundo sob outros nomes e disfarces, devemos enfatizar essa lição do passado. Além disso, não é bom sermos reticentes ao descrever esse passado. Nossas histórias tendem a discutir a escravidão americana de forma tão imparcial que, no fim, ninguém parece ter feito algo errado e todos estavam certos. A escravidão parece ter sido imposta contra a vontade de uma América indefesa, enquanto o Sul não teve culpa de se tornar seu centro. A diferença de desenvolvimento entre o Norte e o Sul é explicada como uma espécie de resultado de uma lei social e econômica cósmica.

Lê-se, por exemplo, *The Rise of American Civilization*, de Charles e Mary Beard, com a confortável sensação de que nada há de certo ou errado em jogo nessa história. A manufatura e a indústria se desenvolvem no Norte; o feudalismo agrário se desenvolve no Sul. Eles se chocam, como os ventos e as águas, e as forças mais poderosas desenvolvem a tremenda máquina industrial que hoje nos governa de forma tão magnífica e egoísta.

No entanto, nessa interpretação mecanicista generalizante, não há espaço para o enredo real da história, para o erro e a culpa evidentes de reconstituir uma nova escravidão da classe trabalhadora em meio a um experimento democrático decisivo; para o triunfo da pura coragem moral e do sacrifício na cruzada abolicionista; e para a dor e a luta de milhões de negros degradados em sua batalha pela liberdade e sua tentativa de adentrar a democracia. Será que tudo isso pode ser omitido ou parcialmente suprimido em um tratado que se diz científico?

Ou, para chegar mais perto do centro e do ponto culminante dessa história fascinante: o que foi a escravidão nos Estados Unidos? O que ela significava para o proprietário e para aqueles que eram propriedade dele? Devemos aceitar a história convencional [*story*] do antigo latifúndio escravocrata e da vida refinada e aristocrática de lazer culto de seu proprietário? Ou então atentar para as biografias de escravos, como as de Charles Ball, Sojourner Truth, Harriet Tubman e Frederick Douglass; as observações cuidadosas de Olmsted e a acusação de Hinton Helper¹⁷?

¹⁷ Charles Ball, *Slavery in the United States: A Narrative of the Life and Adventures of Charles Ball* (Filadélfia, J. C. & J. L. Lippincott, 1837); Sojourner Truth, *The Narrative of Sojourner Truth: A Northern Slave* (Florence, [autopublicação], 1850); Harriet Tubman, *Scenes in the Life of Harriet Tubman* (Auburn, Sarah H. Bradford, 1869); Frederick Douglass, *My Bondage and My Freedom* (Nova York, Fowlers and Wells, 1855); Frederick Law Olmsted, *The Cotton Kingdom: A Traveller's Observations on Cotton and Slavery in the American Slave States* (Nova York, Mason Brothers, 1861); Hinton Rowan Helper, *The Impending Crisis of the South: How to Meet It* (Nova York, A.S. Barnes & Co., 1857). (N. E.)

Ninguém pode ler aquela primeira e breve autobiografia de Frederick Douglass e continuar nutrindo muitas ilusões sobre a escravidão¹⁸. E, se a verdade é nosso objetivo, nenhuma dose de floreios românticos ou de reminiscências pessoais dos protegidos que se beneficiaram dela podem impedir que o mundo saiba que a escravidão foi um anacronismo cruel, sujo, caro e indesculpável, que quase arruinou o maior experimento de democracia do mundo. Nenhum estudante sério e imparcial pode se deixar enganar pelo conto de fadas de uma bela civilização escravocrata sulista. Se aqueles que realmente tiveram a oportunidade de conhecer o Sul antes da guerra escreveram a verdade, ele era um centro de ignorância generalizada, recursos não desenvolvidos, humanidade suprimida e paixões desenfreadas, independente de qualquer verniz de boas maneiras e cultura que pudesse haver acima dessas profundezas.

Passando agora à Guerra Civil, como pode alguém que lê o *Congressional Globe* de 1850 a 1860, as biografias de estadistas e personagens públicos da época, do Norte e do Sul, os discursos nos jornais e relatos de reuniões e de falas, duvidar por um momento sequer que a escravidão negra foi a causa da Guerra Civil? O que ganhamos ao fugir desse fato evidente e falar de forma vaga sobre “união” versus “direitos dos estados”, e diferenças de civilização como a causa daquela catástrofe?

De todos os fatos históricos, nenhum pode ser mais evidente do que este: por quatro longos e terríveis anos, o Sul lutou para perpetuar a escravidão humana; e a nação que “nasceu tão brilhante e bela e morreu tão pura de manchas” tinha todo o direito de se envergonhar de seu nascimento e se alegrar com sua morte. No entanto, um monumento na Carolina do Norte consegue o impossível ao registrar, a respeito dos soldados confederados: “Morreram lutando pela liberdade!”.

Por outro lado, considere a relação do Norte com a Guerra Civil. Por que deveríamos ser deliberadamente falsos, como Woodward, em *Meet General Grant*, e representar o Norte como se este tivesse libertado, magnânimo, o escravo sem nenhum esforço da parte do próprio?

Os negros americanos são o único povo na história do mundo, até onde sei, que se tornou livre sem nenhum esforço próprio. [...]

Eles não haviam começado nem terminado a guerra. Eles tocavam banjos nas estações ferroviárias, cantavam canções espirituais melodiosas e acreditavam que algum ianque logo apareceria e daria a cada um deles quarenta acres de terra e uma mula.¹⁹

O Norte foi à guerra sem a menor intenção de libertar os escravos. A grande maioria dos nortistas, de Lincoln para baixo, comprometeu-se a proteger a

¹⁸ Frederick Douglass, *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (Boston, Anti-Slavery Office, 1845) [ed. bras.: *Narrativa da vida de Frederick Douglass e outros textos*, trad. Odorico Leal, São Paulo, Penguin, 2021]. (N. E.)

¹⁹ William E. Woodward, *Meet General Grant* (Nova York, Literacy Guild of America, 1928), p. 372.

escravidão, odiando e perseguindo os abolicionistas. Por outro lado, a tese que Beale tende a encampar, de que todo o Norte, durante e após a guerra, estava interessado principalmente em ganhar dinheiro, é apenas metade da verdade; por um tempo, foram a abolição e a crença na democracia que passaram à dianteira após a guerra e orientaram o Norte na Reconstrução; o empresariado alinhou-se à abolição para manter a tarifa, pagar os títulos e defender os bancos. Chamar esse programa empresarial de “o programa do Norte” e ignorar a abolição não tem fundamento histórico. Em crescente ascendência por um determinado período, houve um grande movimento moral que fez com que o Norte abandonasse a defesa econômica da escravidão, levando-o à Emancipação. Os abolicionistas atacaram a escravidão porque ela era errada e sua batalha moral não pode ser minimizada ou esquecida. Esse fato tampouco nega que a maioria dos nortistas antes da guerra não era abolicionista, que eles atacaram a escravidão apenas para vencer a guerra e concederam o direito de voto aos negros para garantir esse resultado.

Basta ler os debates no Congresso e os documentos estaduais, de Abraham Lincoln para baixo, para saber que a ação decisiva que pôs fim à Guerra Civil foi a emancipação e o armamento do escravo negro; que, como disse Lincoln: “sem a ajuda militar dos libertos negros, a guerra contra o Sul não poderia ter sido vencida”*. Os libertos, longe de serem recipientes inertes da liberdade pelas mãos de filantropos, proporcionaram 200 mil soldados na Guerra Civil, que participaram de quase duzentas batalhas e conflitos e, além disso, talvez 300 mil outros trabalhadores e ajudantes efetivos. Proporcionalmente à população, mais negros do que brancos lutaram na Guerra Civil. Essas pessoas, retiradas da sustentação que davam à Confederação e com a ameaça de retirada de milhões de outras, tornaram inútil a oposição dos proprietários de escravos, a menos que eles mesmos libertassem e armassem seus próprios escravos. Foi exatamente isso que eles começaram a fazer; só se contiveram quando perceberam que tal ação minava a causa pela qual haviam começado a lutar. No entanto, seria quase inútil pesquisar as histórias americanas atuais para encontrar uma declaração clara ou até mesmo um leve reconhecimento desses fatos perfeitamente autenticados.

Tudo isso é apenas um preâmbulo para o cerne do problema histórico com o qual este livro lida, que é a Reconstrução. O consenso geral com relação à

* Embora a formulação dê a entender que a frase teria sido dita após o fim do conflito, o mais provável é que Du Bois tenha se valido, de forma não literal, das posições expressas por Lincoln em carta de 4 de abril de 1864 a Albert Hodges, então editor do *Frankfort Commonwealth*. Em meio a críticas do governador de Kentucky ao recrutamento militar dos libertos, o presidente afirma que também havia demorado a compreender que era “indispensável”, para a União, o armamento dos negros. Ver Abraham Lincoln, “Letter to A. G. Hodges”, em John G. Nicolay e John Hay, *The Works of Abraham Lincoln*, v. 10 (Nova York, The Tandy-Thomas Company, 1905), p. 66-7. (N. E.)

tentativa de reconstruir e organizar o Sul após a Guerra Civil e a Emancipação é esmagador. Não há uma única criança na rua que não possa lhe dizer que todo o esforço foi um erro hediondo e um incidente infeliz, baseado na ignorância, na vingança e na determinação perversa de tentar o impossível; que a história dos Estados Unidos de 1866 a 1876 é algo de que a nação deveria se envergonhar e que fez mais para atrasar e retroceder o negro americano do que qualquer outra coisa que tenha acontecido com ele; ao mesmo tempo que feriu gravemente e de forma arbitrária uma parte da nação que já estava ferida de morte.

É verdade que os historiadores do Norte que escreveram logo após a guerra tinham pouca simpatia pelo Sul e escreveram impiedosamente sobre “rebeldes” e “feitores de escravos”. Ao menos eles tinham a desculpa de uma psicose de guerra.

Como escreveu um jovem líder trabalhista, Will Herberg:

As grandes tradições desse período e, em especial, da Reconstrução são desavergonhadamente repudiadas pelos herdeiros oficiais de Stevens e Sumner. No último quarto de século, quase não apareceu um único livro defendendo ou interpretando com simpatia os grandes ideais da cruzada contra a escravidão, ao passo que dezenas e centenas saíram das prensas em ignóbil “depreciação” do Norte, em apologia aberta à Confederação, em abuso desmedido das figuras radicais da Reconstrução. O período de Reconstrução, como desfecho lógico de décadas de desenvolvimento anterior, arcou com o principal peso da reação.²⁰

Em primeiro lugar, temos a história dos Estados Unidos de James Ford Rhodes. Rhodes não recebeu formação como historiador, mas como empresário em Ohio, e não teve uma educação formal ampla. Quando acumulou certa fortuna, cercou-se de um séquito de funcionários e começou a fabricar uma história dos Estados Unidos por meio de produção em massa. Seu método era simples. Reunia um grande número de autoridades, selecionava dentre elas aquelas cujo testemunho apoiava sua tese e descartava as demais. Por exemplo, ele deixou de lado o relatório da maioria da grande investigação sobre a Ku Klux e favoreceu o relatório da minoria, simplesmente porque este último apoiava sua convicção íntima. No relatório e no testemunho da Comissão de Reconstrução dos Quinze, fez praticamente a mesma coisa.

Acima de tudo, sem admitir qualquer necessidade de investigação, ele inicia sua pesquisa convencido de que os negros são uma raça inferior:

Nenhuma grande medida política em nosso país foi um fracasso tão evidente quanto a de forçar o sufrágio universal dos negros no Sul. Os negros, que simplesmente agiram de acordo com sua natureza, não tiveram culpa. De fato, como eles poderiam adquirir honestidade política? Quais ideias a barbárie empurrada para a escravidão poderia ter sobre os direitos de propriedade? [...]

²⁰ Will Herberg, *The Heritage of the Civil War* (Nova York, Workers Age Publishing Association, 1932), p. 3.

A medida política republicana não trouxe nenhum benefício real aos negros. A maioria deles não desenvolveu qualquer capacidade política, e os poucos que se elevaram acima da massa não alcançaram um alto grau de inteligência.²¹

Rhodes foi primordialmente o historiador da propriedade; sobre a história econômica e o movimento trabalhista, ele nada sabia; pelo governo democrático, ele tinha desprezo. Foi treinado para lucrar e usou seus lucros para escrever a história. Fala repetidamente sobre o governo da “inteligência e da propriedade” e defende que o uso inteligente do voto em prol da propriedade é o único fundamento real da democracia.

O verdadeiro ataque frontal à Reconstrução, conforme interpretado pelos líderes do pensamento nacional em 1870 e por algum tempo depois, veio das universidades, especialmente de Columbia e Johns Hopkins. O movimento começou na Universidade Columbia, com a chegada de John W. Burgess, do Tennessee, e William A. Dunning, de Nova Jersey, como professores de ciência política e história. Burgess era um ex-soldado confederado que começou a estudar em uma pequena faculdade sulista com uma caixa de livros, uma caixa de velas de sebo e um menino negro; e sua postura em relação à raça negra nos anos seguintes foi sutilmente tingida por essa concepção inicial dos negros como sendo em essência propriedade, como livros e velas. Dunning era um professor gentil e marcante que foi profundamente influenciado por um grupo crescente de jovens estudantes sulistas e começou com eles a reescrever a história da nação de 1860 a 1880, em oposição mais ou menos consciente às interpretações clássicas da Nova Inglaterra.

Burgess era franco e determinado em seu pensamento antinegro. Ele expôs sua teoria da supremacia nórdica, que marcou todas as suas teorias políticas:

A alegação de que não há nada na cor da pele, do ponto de vista da ética política, é um grande sofisma. Uma pele negra significa pertencer a uma raça de homens que, por si só, nunca conseguiu submeter a paixão à razão e, portanto, nunca criou nenhuma civilização de qualquer tipo. Colocar essa raça de homens na posse de um governo “estadual” em um sistema de governo federal é confiar a eles o desenvolvimento da civilização política e legal sobre os assuntos mais importantes da vida humana, e fazer isso em comunidades com uma grande população branca é simplesmente instituir o poder da barbárie sobre a civilização.²²

Burgess é um *tory* e um apóstolo declarado da reação. Ele nos diz que a nação agora acredita “ser a missão do homem branco, seu dever e seu direito, manter as rédeas do poder político em suas próprias mãos para a civilização

²¹ James Ford Rhodes, *History of the United States*, v. 7: 1872-1877 (Nova York, Macmillan, 1906), p. 232-3.

²² John William Burgess, *Reconstruction and the Constitution, 1866-1876* (Nova York, C. Scribner's Sons, 1905), p. viii.

do mundo e o bem-estar da humanidade”²³. Por esse motivo, os Estados Unidos estão seguindo “a ideia europeia do dever das raças civilizadas de impor sua soberania política sobre as raças civilizadas, ou semicivilizadas, ou não totalmente civilizadas, em qualquer lugar do mundo”²⁴. Ele acredita complacentemente que “há algo natural na subordinação de uma raça inferior a uma raça superior, até mesmo ao ponto de escravizar a raça inferior, mas não há nada natural no oposto”²⁵. Por isso, denomina a Reconstrução o domínio “dos negros incivilizados sobre os brancos do Sul”²⁶. É isso que tem sido ensinado em uma de nossas maiores universidades por quase cinquenta anos.

Dunning era menos dogmático como escritor, e as declarações que fez eram frequentemente criteriosas. Mas mesmo Dunning pode declarar que “todas as forças [no Sul] que contribuíam para a civilização eram dominadas por uma massa de libertos bárbaros” e que “a antítese e a inimizade da raça e da cor eram cruciais e inarredáveis”²⁷. O trabalho da maioria dos alunos que ele ensinou e incentivou foi unilateral e partidário ao extremo. A Universidade Johns Hopkins publicou uma série de estudos semelhantes aos de Columbia; professores sulistas foram recebidos em diversas universidades do Norte, onde muitas vezes os alunos negros eram sistematicamente desencorajados e, assim, surgiu uma postura universitária em todo o país por meio da qual a propaganda contra o negro foi levada adiante sem questionamentos.

A escola de historiadores e pesquisadores sociais de Columbia publicou, entre 1895 e o presente momento, dezesseis estudos sobre a Reconstrução nos estados do Sul, todos baseados na mesma tese e todos feitos de acordo com o mesmo método: primeiro, simpatia interminável com o Sul branco; segundo, ridicularização, desprezo ou silêncio quanto ao negro; terceiro, uma postura crítica em relação ao Norte, que conclui que este, agindo com base em um grande mal-entendido, cometeu um grave erro, mas percebeu isso e recuou.

Esses estudos variam, é claro, em seus métodos. O trabalho de Dunning no geral silencia sobre os negros. Burgess é mais do que justo em termos de lei, mas reacionário em questões de raça e propriedade, considerando o tratamento de um negro como homem nada menos do que um crime e admitindo que “o pilar da propriedade são os tribunais”.

Nos livros sobre a Reconstrução escritos por graduados dessas universidades e de outras, os estudos sobre o Texas, a Carolina do Norte, a Flórida, a Virgínia e a Louisiana são absolutamente ruins, não fornecendo um quadro

²³ Ibidem, p. ix.

²⁴ Ibidem, p. 218.

²⁵ Ibidem, p. 244-5.

²⁶ Ibidem, p. 218.

²⁷ William Archibald Dunning, *Reconstruction, Political and Economic, 1865-1877* (Nova York/Londres, Harper & Brothers Publishers, 1907, col. The American, v. 22), p. 212-3.

completo do que aconteceu durante a Reconstrução, escritos em sua maioria por homens e mulheres sem ampla formação histórica ou social, e todos destinados não a buscar a verdade, mas a provar uma tese. Hamilton atinge o ápice dessa escola quando caracteriza os códigos negros, que até mesmo Burgess condenou, como “não apenas [...] em geral razoáveis, moderados e gentis, mas, sobretudo, necessários”²⁸.

Reconstruction in Georgia, de Thompson, é outro caso em questão. Embora busque ser equilibrado, inclui histórias tolas sobre negros que indicam completa falta de mero bom senso, além de atribuir aos brancos todos os sentimentos mais nobres. Quando dois trabalhadores negros, William e Jim, colocam um anúncio simples em um jornal local, o autor afirma que o texto foi “evidentemente escrito por um amigo branco”. Não há a menor evidência histórica que comprove isso, e havia muitos negros instruídos em Augusta na época que poderiam tê-lo escrito. *Reconstruction in Louisiana*, de Lonn, coloca as palavras de Sheridan na boca de Sherman para provar um ponto mesquinho.

Há alguns desses estudos que, embora influenciados pela mesma postura geral, têm, no entanto, mais equilíbrio científico e estofo cultural. *Reconstruction in Mississippi*, de Garner, concebe o negro como parte integrante da cena e o trata como um ser humano. Junto com ele, deve ser colocado o recente estudo *Reconstruction in South Carolina*, de Simkins e Woody. Essa pesquisa não é tão justa quanto a de Garner, mas em meio a julgamentos e conclusões convencionais e reproduções de todas as caricaturas disponíveis sobre os negros, ela não hesita em fazer um relato justo deles e de alguns de seus trabalhos. Dá a impressão de combinar, em um único livro, dois pontos de vista antagônicos; nesse choque, porém, surge muita verdade.

History of Reconstruction in Louisiana, de Ficklen, e as obras de Fleming têm um espírito antinegro; ainda assim, apresentam certa imparcialidade e senso de honestidade histórica. A *Documentary History of Reconstruction*, de Fleming, é feita por um homem que tem de sustentar uma tese, e sua seleção de documentos respalda essa tese. Seu estudo sobre o Alabama é pura propaganda.

Em seguida vêm vários livros que são aberta e descaradamente propagandísticos, como o de Herbert sobre o “Sul Sólido” e os de Pike e Reynolds sobre a Carolina do Sul, as obras de Pollard e Carpenter e, especialmente, as de Ulrich Phillips. Um dos mais recentes e populares dessa série é *The Tragic Era*, de Claude Bowers, uma excelente reportagem jornalística contemporânea, de leitura agradável, mas absolutamente desprovida de julgamento histórico ou conhecimento sociológico. É um exemplo clássico de propaganda histórica do tipo mais barato.

²⁸ Joseph Grégoire de Roulhac Hamilton, “Southern Legislation in Respect to Freedmen”, em *Studies in Southern History and Politics* (Nova York, Columbia University Press, 1914), p. 156.

Temos livros como *Age of Hate*, de Milton, e *Andrew Johnson*, de Winston, que tentam reescrever o caráter de Andrew Johnson. Eles certamente aumentam nosso conhecimento sobre o homem e nossa simpatia por sua debilidade. Mas não podem, para os estudantes, alterar o testemunho calmo de fatos históricos inabaláveis. *Carl Schurz*, de Fuess, pinta o quadro desse belo progressista e, ainda assim, se esforça para mostrar que ele estava completamente errado a respeito do que dizia ter testemunhado no Sul.

A principal testemunha da Reconstrução, o próprio escravo emancipado, foi quase impedida de entrar no tribunal. Seu registro escrito da Reconstrução foi amplamente destruído e quase sempre negligenciado. Apenas três ou quatro estados preservaram os debates nas convenções da Reconstrução; há poucas biografias de líderes negros. O negro não foi ouvido porque era pobre e ignorante. Presume-se, portanto, que todos os negros na Reconstrução eram ignorantes e tolos e que, por isso, uma história da Reconstrução em qualquer estado pode ignorá-lo por completo. O resultado é que a maioria das caricaturas injustas dos negros foi cuidadosamente preservada, mas os discursos sérios, a administração bem-sucedida e o caráter íntegro são quase universalmente ignorados e esquecidos. Sempre que uma cabeça negra desponta no cenário histórico, ela é prontamente abatida por um adjetivo – “astuto”, “notório”, “esperto” – ou ridicularizada por uma zombaria; ou retirada de vista por alguma acusação não comprovada de mau caráter moral. Em outras palavras, todos os esforços foram feitos para tratar o papel desempenhado pelo negro na Reconstrução com silêncio e desprezo.

Recentemente, quando um estudante tentou escrever sobre a educação na Flórida, descobriu que os registros oficiais da excelente administração do superintendente de Educação Gibbs, de cor, que praticamente estabeleceu a escola pública da Flórida, haviam sido destruídos. O Alabama, por sua vez, tentou obliterar todos os registros impressos da Reconstrução.

É sobretudo notável o fato de que poucas tentativas foram feitas para rastrear cuidadosamente a ascensão e o desenvolvimento econômico dos brancos pobres e sua relação com os latifundiários e com o trabalho dos negros após a guerra. Havia 5 milhões ou mais de brancos que não eram proprietários de escravos no Sul em 1860 e menos de 2 milhões nas famílias de todos os proprietários de escravos. No entanto, pela história contemporânea, quase se pode deduzir que esses 5 milhões não deixaram história e não tiveram descendentes. A extraordinária história da ascensão e do triunfo dos brancos pobres foi amplamente negligenciada, até mesmo pelos estudantes brancos do Sul²⁹.

Todo o desenvolvimento da Reconstrução foi sobretudo um desenvolvimento econômico, mas não foi escrita nenhuma história econômica ou material

²⁹ As monografias de Moore e Ambler são interessantes exceções.

adequado a respeito dela. A Reconstrução foi considerada assunto puramente político – e de política, naturalmente, como algo divorciado da indústria³⁰.

Tudo isso está refletido nos livros didáticos da época e nas enciclopédias, até chegarmos ao ponto em que não podemos usar nossas experiências durante e após a Guerra Civil para a elevação e o esclarecimento da humanidade. Estragamos e distorcemos a posição do historiador. Se quisermos, no futuro, não apenas com relação a essa questão, mas com relação a todos os problemas sociais, ser capazes de usar a experiência humana para orientar a humanidade, temos que distinguir claramente entre fato e desejo.

Em primeiro lugar, alguém em cada época deve esclarecer os fatos com total desconsideração de seus próprios anseios, desejos e crenças. O que temos de saber, na medida do possível, são as coisas que realmente aconteceram no mundo. Então, com tudo isso claro e disponível a todos os leitores, o filósofo e o profeta têm a chance de interpretar esses fatos; mas o historiador não tem o direito de, se passando por cientista, ocultar ou distorcer os fatos; e até que façamos a distinção entre essas duas funções do cronista da ação humana, facilitaremos que um mundo confuso, por pura ignorância, cometa o mesmo erro dez vezes.

No estudo da história, é surpreendente a recorrência da ideia de que o mal deve ser esquecido, distorcido, ignorado. Não devemos nos lembrar que Daniel Webster se embriagava, apenas lembrar que ele era um esplêndido advogado constitucionalista. Devemos esquecer que George Washington era proprietário de escravos, ou que Thomas Jefferson teve filhos mulatos, ou que Alexander Hamilton tinha sangue negro, e simplesmente lembrar as coisas que consideramos inspiradoras e dignas de crédito. Claro, o problema dessa filosofia é que a história perde seu valor como incentivo e exemplo; ela pinta homens perfeitos e nações nobres, mas não diz a verdade.

Ninguém que leia a história dos Estados Unidos entre 1850 e 1860 pode ter a menor dúvida de que a escravidão dos negros foi a causa da Guerra Civil, e, no entanto, na época e desde então, aprendemos que uma grande nação assassinou milhares e destruiu milhões por causa de doutrinas abstratas sobre a natureza da União Federal. Uma vez que a postura da nação em relação aos direitos dos estados foi revolucionada pelo desenvolvimento do governo central desde a guerra, todo o argumento se torna um surpreendente *reductio ad absurdum*, deixando-nos aparentemente sem nenhuma causa para a Guerra Civil, exceto a recente reiteração de declarações que tornam os grandes homens públicos, de um lado, tacanhos, fanáticos hipócritas e mentirosos, enquanto os líderes, do outro lado, eram extraordinários e inigualáveis em beleza, altruísmo e justiça.

³⁰ *The Economic History of the South*, de Emory Q. Hawk (Nova York, Prentice-Hall, 1934), é apenas uma compilação de relatórios censitários e convencionais.

Nem um único grande líder da nação durante a Guerra Civil e a Reconstrução escapou de ataques e calúnias. As magníficas figuras de Charles Sumner e Thaddeus Stevens foram manchadas de forma quase irreconhecível. Temos bajulado e lisonjeado o Sul e difamado o Norte, porque o Sul está determinado a reescrever a história da escravidão, e o Norte não está interessado em sua história, e sim em riqueza.

Essa, portanto, é a base bibliográfica a partir da qual hoje julgamos a Reconstrução. Para pintar o Sul como um mártir de um destino inevitável, para fazer do Norte o emancipador magnânimo e para ridicularizar o negro como a piada impossível em todo esse desenvolvimento, em cinquenta anos, por meio de calúnias, insinuações e silêncio, distorcemos e obliteramos tão completamente a história do negro na América e sua relação com seu trabalho e com seu governo que hoje ela é quase desconhecida. Isso pode ser um bom romance, mas não é ciência. Pode ser inspirador, mas certamente não é a verdade. Além do mais, é perigoso. Não é apenas parte da base de nossa atual desordem e perda de ideais democráticos; mais do que isso, levou o mundo a abraçar e adorar a barreira de cor como salvação social e está ajudando a dispor a humanidade em fileiras de ódio e desprezo mútuos, convocada por um mito barato e falso.

Quase todos os livros recentes sobre a Reconstrução concordam entre si ao descartar os relatórios do governo e substituí-los por uma seleção de diários, cartas e fofocas. No entanto, os registros do governo são uma fonte histórica de autenticidade ampla e inigualável. Há o relatório da seleta Comissão dos Quinze, que investigou meticulosamente a situação em todo o Sul e convocou homens de todos os tipos e condições para testemunhar; há o relatório de Carl Schurz e os doze volumes de relatórios feitos sobre a conspiração da Ku Klux; e, acima de tudo, o *Congressional Globe*. Ninguém que não tenha lido página por página o *Congressional Globe*, especialmente as sessões do 39º Congresso, pode ter alguma ideia dos problemas da Reconstrução enfrentados pelos Estados Unidos em 1865-1866. Há também os relatórios do Bureau dos Libertos, os relatórios executivos e outros relatórios documentais de funcionários do governo, especialmente nos Departamentos de Guerra e do Tesouro, que dão ao historiador a única base sobre a qual ele pode construir um quadro real e verdadeiro. Há alguns historiadores que não tentaram falsificar deliberadamente o quadro: brancos do Sul, como Frances Butler Leigh e Susan Smedes; historiadores do Norte, como McPherson, Oberholtzer, Nicolay e Hay. Há viajantes estrangeiros como sir George Campbell, Georges Clemenceau e Robert Somers. Há as memórias pessoais de Augustus Beard, George Julian, George F. Hoar, Carl Schurz e John Sherman. Há o trabalho inestimável de Edward McPherson e os estudos mais recentes de Paul Haworth, A. A. Taylor e Charles Wesley. Beale simplesmente não leva em conta os negros no ano crítico de 1866.

Algumas monografias merecem todos os elogios, como as de Hendricks e Pierce. O trabalho de Flack é preconceituoso, mas baseado em pesquisa. A

defesa do regime *carpetbag* por Tourgee e Allen, Powell Clayton, Holden e Warmoth são antídotos dignos para certos escritores.

As biografias de Stevens e de Sumner são reveladoras, mesmo quando ligeiramente apologéticas por causa do negro; enquanto as de Andrew Johnson começam a sofrer com escritores que tentam provar quão raramente ele se embriagava, e consideram isso importante.

Deve-se notar que, como fontes deste trabalho, dependi muito de material secundário; das histórias da Reconstrução nos estados, escritas principalmente por aqueles que estavam convencidos, antes de começarem a escrever, de que o negro era incapaz de governar ou de se tornar parte integrante de um Estado civilizado. As histórias mais justas não tentaram ocultar os fatos; em outros casos, o negro foi amplamente ignorado, enquanto em outros, ainda, ele foi ridicularizado e difamado. Se eu tivesse tido tempo, dinheiro e oportunidade de voltar às fontes originais em todos os casos, não há dúvida de que o peso deste trabalho teria sido muito fortalecido e, como acredito firmemente, o caso do negro teria sido apresentado de forma mais convincente.

Diversos volumes de documentos nas grandes bibliotecas, como os documentos de Johnson na Biblioteca do Congresso, os manuscritos de Sumner em Harvard, a correspondência de Schurz, os documentos de Wells, os documentos de Chase, as coleções de Fessenden e Greeley, os documentos de McCulloch, McPherson, Sherman, Stevens e Trumbull, todos devem ser de grande interesse para os historiadores do negro americano. Não tive tempo nem oportunidade de examiná-los, e a maioria dos que já o fizeram tinha pouco interesse no povo negro.

Há excelentes trabalhos feitos por negros a respeito de sua própria história e em sua própria defesa. São trabalhos que sofrem, é claro, de um partidarismo natural e da necessidade de provar um ponto diante de um coro de ataques injustos. Os melhores trabalhos também sofrem com o fato de que os negros enfrentam entraves para alcançar o público leitor. Mas isso se aplica igualmente a escritores brancos como Skaggs e Bancroft, que não conseguiram editoras de primeira linha porque estavam dizendo algo que não agradava à nação.

Os historiadores negros começaram com autobiografias e memórias. Os historiadores mais antigos foram George W. Williams e Joseph T. Wilson; a nova escola de historiadores é liderada por Carter G. Woodson; e muito me ajudaram as teses não publicadas de quatro dos mais jovens estudantes negros. É lamentável que, enquanto muitos jovens sulistas brancos conseguem financiamento para atacar e ridicularizar o negro e seus amigos, é quase impossível para os estudantes negros de primeira linha ter uma chance de pesquisar ou de publicar seus trabalhos.

Escrevo, portanto, em um campo devastado pela paixão e pela crença. Como negro, naturalmente não posso escrever sem acreditar na humanidade essencial dos negros, em sua capacidade de se educarem, de realizarem o trabalho do mundo moderno, de ocuparem seu lugar como cidadãos iguais

aos outros. Não posso, nem por um momento, concordar com essa doutrina bizarra da raça que concebe a maioria dos homens como inferiores a poucos. Como estudante da ciência, que também sou, quero ser justo, objetivo e criterioso; não deixar que nenhum insulto e crueldade intoleráveis me façam deixar de simpatizar com as fragilidades e contradições humanas, no eterno paradoxo do bem e do mal. Mesmo armado e advertido por tudo isso, e fortalecido por um longo estudo dos fatos, chego ao final deste texto literalmente atônito com o que os historiadores americanos fizeram com esse campo.

Qual é o objetivo de escrever a história da Reconstrução? É apagar a desgraça de um povo que lutou para transformar os negros em escravos? É mostrar que o Norte tinha motivos mais elevados do que libertar os negros? É provar que os negros eram anjos negros? Não, é simplesmente estabelecer a Verdade, sobre a qual a Justiça no futuro poderá ser construída. Jamais teremos uma ciência da história até que tenhamos em nossas faculdades homens que considerem a verdade mais importante do que a defesa da raça branca e que não incentivem deliberadamente os alunos a reunir material de tese a fim de sustentar um preconceito ou reforçar uma mentira.

Três quartos do testemunho contra o negro na Reconstrução se baseiam em evidências não fundamentadas de homens que odiavam e desprezavam os negros e consideravam ser atos de lealdade ao sangue, de patriotismo e de tributo filial aos pais mentir, roubar ou matar para desacreditar esse povo negro. Esse pode ser um resultado natural quando um povo foi humilhado, empobrecido e degradado em sua própria vida; mas o que é inconcebível é que outra geração e outro grupo considerem esse testemunho como verdade científica, quando ele é contradito pela lógica e pelos fatos. Este capítulo, portanto, que em tese deveria ser um levantamento de livros e fontes, torna-se, por pura necessidade, uma denúncia contra os historiadores americanos e uma acusação de seus ideais. Com uma determinação sem paralelo na ciência, a massa de escritores americanos começou a distorcer os fatos do maior período crítico da história americana, de modo a provar que o certo está errado e o errado está certo. Não estou suficientemente familiarizado com o vasto campo da história humana para me pronunciar sobre a culpa relativa desses e de historiadores de outras épocas e campos; mas digo que, se a história do passado foi escrita da mesma forma, ela é inútil como ciência e enganosa como ética. Ela apenas mostra que, com suficiente consenso geral e determinação por parte das classes dominantes, a verdade da história pode ser totalmente distorcida, contradita e alterada para qualquer conto de fadas conveniente que desejarem os senhores dos homens.

Não posso acreditar que uma mente imparcial, com um ideal de verdade e de julgamento científico, possa ler os fatos claros e autênticos de nossa história, entre 1860 e 1880, e chegar a conclusões diferentes, em essência, das minhas; e, no entanto, estou praticamente sozinho nessa interpretação. Tanto é assim que a própria consistência dos meus fatos me faria hesitar, se eu não

enxergasse razões evidentes. Subtraia de Burgess sua crença de que somente os brancos podem governar, e ele estará essencialmente de acordo comigo. Lembremos que Rhodes era um empresário sem formação alguma, que contratou funcionários para encontrar os fatos de que precisava para sustentar sua tese, e nos convenceremos de que o mesmo trabalho e os mesmos recursos poderiam com facilidade produzir resultados completamente opostos.

Um fato, e apenas um, explica a atitude da maioria dos escritores recentes em relação à Reconstrução: eles não conseguem conceber os negros como homens; em sua mente, a palavra “negro” conota “inferioridade” e “estupidez”, atenuadas apenas por altivez e humor irracionais. Suponha que os escravos de 1860 fossem brancos. Stevens teria sido um grande estadista, Sumner um grande democrata e Schurz um profeta perspicaz, em uma poderosa revolução da humanidade que se levantava. A ignorância e a pobreza teriam sido facilmente explicadas pela história, e as demandas por terras e pelo direito de voto teriam sido justificadas como o direito inato dos homens livres naturais.

Mas Burgess era um proprietário de escravos, Dunning, um *copperhead*, e Rhodes, um explorador de trabalho assalariado. Aparentemente, nenhum deles jamais conheceu um negro culto, dinâmico e competente. Em torno desses pensadores impressionantes, reuniram-se os jovens estudantes do Sul do pós-guerra. Eles haviam nascido e crescido no período mais amargo de ódio, medo e desprezo racial do Sul. Suas reações instintivas foram confirmadas e incentivadas nas melhores universidades americanas. Sua erudição, no que se refere aos negros, tornou-se surda, muda e cega. A evidência mais nítida da capacidade, do trabalho, da honestidade, da paciência, do aprendizado e da eficiência dos negros foi distorcida em astúcia, trabalho bruto, evasão perspicaz, covardia e imitação – um esforço estúpido para transcender a lei da natureza.

Durante aqueles sete anos místicos entre a “Volta ao Círculo” de Johnson e o Pânico de 1873, a maioria dos americanos pensantes do Norte acreditava na igualdade humana dos negros. Eles agiram de acordo com essa crença com uma determinação clara e uma lógica minuciosa, totalmente incompreensíveis para uma época como a nossa, que não compartilha dessa fé humana; e para os brancos do Sul, esse período só pode ser explicado por vingança e ódio deliberados.

O Pânico de 1873 trouxe uma súbita desilusão em relação às iniciativas empresariais, à organização econômica, às crenças religiosas e aos padrões políticos. Uma enxurrada de apelos do Sul branco reforçou essa reação – apelos não mais com a arrogância da oligarquia escravocrata, mas com os anais simples e comoventes da situação difícil de um povo conquistado. O subsequente rebote emocional e intelectual da nação tornou quase inconcebível, em 1876, que dez anos antes a maioria dos homens tivesse acreditado na igualdade humana.

Presumindo, portanto, como axiomática a infinita inferioridade da raça negra, esses novos historiadores, em sua maioria sulistas e alguns nortistas

que simpatizavam profundamente com o Sul, interpretaram mal, distorceram e até mesmo ignoraram de modo deliberado qualquer fato que desafiasse ou contradissesse essa suposição. Se o negro era reconhecidamente sub-humano, qual a necessidade de perder tempo se aprofundando em sua história da Reconstrução? Por consequência, os historiadores da Reconstrução, com poucas exceções, ignoram o negro da forma mais completa possível, deixando o leitor se perguntando por que um elemento aparentemente tão insignificante preencheu todo o quadro sulista da época. A única desculpa real para essa postura é a lealdade a uma causa perdida, a reverência a pais corajosos e mães e irmãs sofredoras, e a fidelidade aos ideais de um clã e de uma classe. Mas, na propaganda contra o negro desde a Emancipação neste país, enfrentamos um dos esforços mais estupendos que o mundo já viu para desqualificar seres humanos, um esforço que envolve universidades, história, ciência e toda vida social e religiosa.

O drama mais grandioso dos últimos mil anos da história humana foi o transporte de 10 milhões de seres humanos da beleza negra de seu continente-mãe para o recém-descoberto Eldorado do Ocidente. Eles desceram ao inferno e, no terceiro século, ressuscitaram dos mortos, no melhor esforço que este mundo já viu para alcançar a democracia para milhões de trabalhadores. Foi uma tragédia que ofuscou a dos gregos; foi um levante da humanidade como a Reforma e a Revolução Francesa. No entanto, somos cegos e guiados por cegos. Não identificamos nesse drama nenhuma parte de nosso movimento dos trabalhadores, de nosso triunfo industrial, de nossa experiência religiosa. Diante dos olhos embotados de dez gerações de 10 milhões de crianças, ele é ridicularizado e cuspidor; uma degradação da mãe eterna; um escárnio ao esforço humano; uma distorção deliberada e meticulosa por meio da ambição e da artimanha. E por quê? Porque em uma época em que a mente humana aspirava a uma ciência da ação humana, uma história e uma psicologia sobre o poderoso esforço do mais esplêndido século, tombamos sob a liderança daqueles que negociariam a verdade do passado para selar a paz no presente e orientar a política no futuro.

Leem-se com grande desespero os fatos mais verdadeiros e profundos da Reconstrução. É ao mesmo tempo tão simples e humano, e ainda assim tão fútil. Não há vilão, nem idiota, nem santo. Há apenas homens; homens que anseiam por conforto e poder, homens que conhecem a carência e a fome, homens que rastejaram. Todos eles sonham e se empenham com o êxtase do medo e a tensão do esforço, hesitando entre a esperança e o ódio. No entanto, o mundo rico é amplo o suficiente para todos, quer todos, precisa de todos. Um gesto tão sutil, uma palavra, poderia colocar a contenda em ordem, não com pleno contentamento, mas com alvorada cada vez maior de

realização. Em vez disso, ruge o estrondo do inferno e, depois de seu turbilhão, um professor senta-se nos salões acadêmicos, instruído na tradição de seus olmos e de seus anciãos. Ele olha para o rosto levantado da juventude e nele a juventude vê a forma paramentada da sabedoria e ouve a voz de Deus. Com cinismo, zomba dos “chinas” [*chinks*] e dos “crioulos”. Diz que a nação “mudou seus pontos de vista a respeito da relação política entre as raças e, finalmente, aceitou na prática as ideias do Sul sobre essa questão. Os homens brancos do Sul não precisam mais temer que o Partido Republicano, ou as administrações republicanas, se entreguem de novo à vã imaginação da igualdade política do homem”³¹.

Neste instante, na África, um dorso negro se avermelha com o sangue do açoite; na Índia, uma garota marrom é estuprada; na China, um *coolie* morre de fome; no Alabama, sete negrinhos são mais do que linchados; enquanto em Londres, os membros brancos de uma prostituta são expostos com joias e seda. As chamas de assassinatos por ciúmes varrem a Terra, enquanto cérebros de crianças pequenas mancham as colinas.

Essa é a educação no ano 1935 de Cristo; essa é a ciência social moderna e exata; esse é o curso universitário de “História 12” estabelecido pelo *Senatus academicus*; *ad quos hae literae pervenerint: Salutem in Domino, sempeternam!**

Na Babilônia, sombria Babilônia
 Quem recebe o salário da vergonha?
 O escriba e o cantor, um a um,
 Que labutam por ouro e fama.
 Eles se curvam ao humor de seus senhores;
 O sangue na pena
 Destina suas almas à servidão –
 Sim! e as almas dos homens.

George Sterling**

³¹ John William Burgess, *Reconstruction and the Constitution*, cit., p. 298.

* A frase em latim é uma saudação utilizada em correspondências formais, especialmente em cartas dirigidas a instituições acadêmicas ou religiosas: “Ao senado acadêmico, a quem esta carta chegar: Saudações eternas em nome do Senhor!”. (N. E.)

** Primeira estrofe do poema “In the Market Place”, em *Selected Poems* (Nova York, Holt, 1873), p. 35. (N. E.)